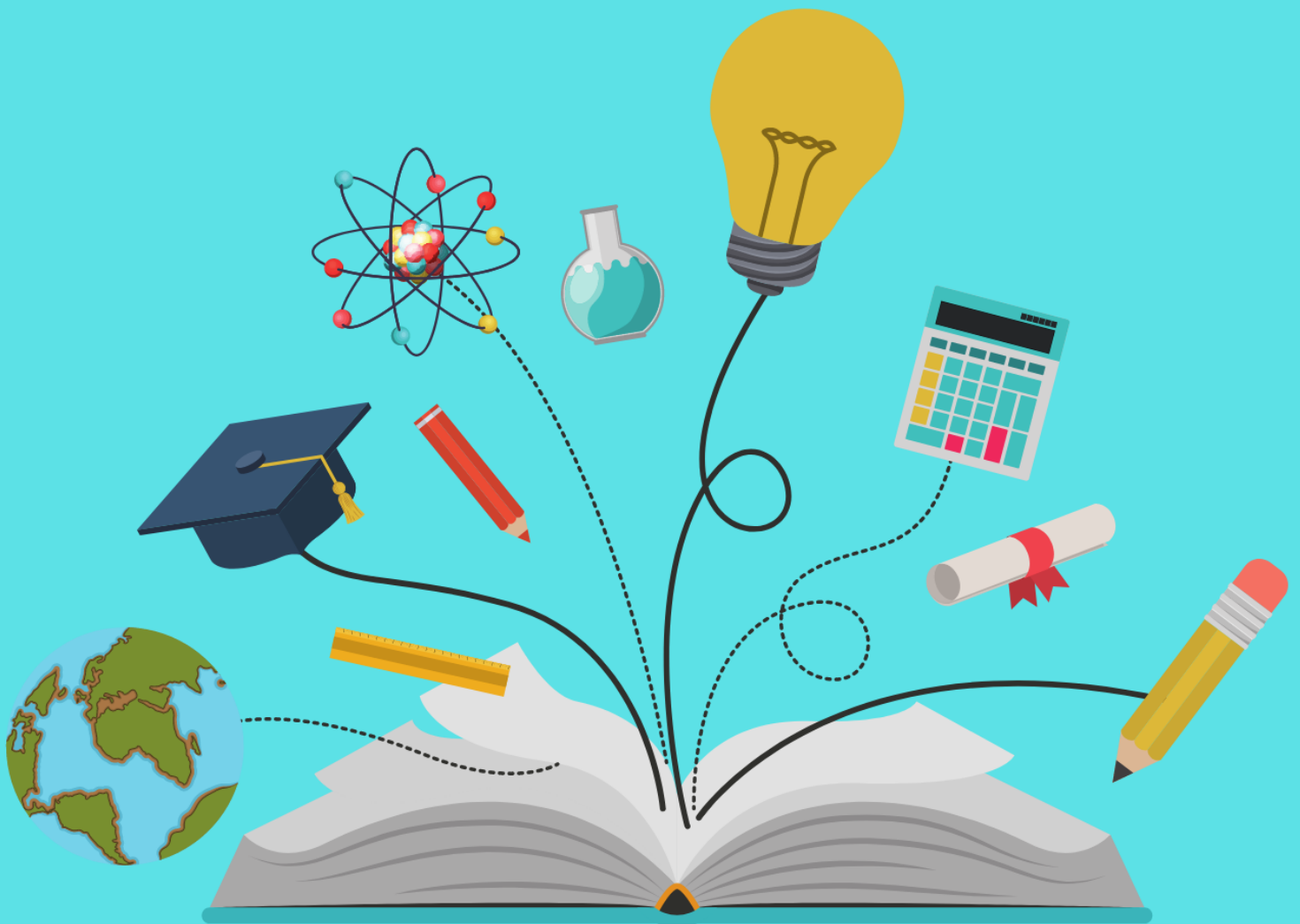


EDUCAÇÃO

DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

Volume XI



Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

Educação
Dilemas Contemporâneos
Volume XI



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Prof. Msc. Adriana Flávia Neu
Prof. Dra. Albys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Prof. Msc. Aris Verdecia Peña
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. Msc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto
Prof. Msc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez
Prof. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Prof. Msc. Mary Jose Almeida Pereira
Prof. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Prof. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Prof. Dra. Patrícia Maurer
Prof. Msc. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Prof. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
Msc. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira
Prof. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Mun. Rio de Janeiro
UNMSM (Peru)
UFMT
Mun. de Chap. do Sul
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [livro eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume XI / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2022. 86p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-81460-26-6 DOI https://doi.org/10.46420/9786581460266 1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues. CDD 370.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

Nesse décimo primeiro volume de “Educação: dilemas contemporâneos” prossegue-se com as necessárias discussões e reflexões acerca da educação nacional que, nesse momento, passa por uma retoma em suas atividades: depois de dois anos de aulas remotas ou semipresenciais – ocasionadas pela pandemia -, mesmo ainda vivendo nessa situação pandêmica, grande parte das escolas brasileiras estão iniciando esse ano letivo com as aulas totalmente presenciais. A partir de agora, muitas novas situações geradas por esse processo de pandemia precisarão ser observadas, a fim de que os prejuízos sejam minimizados.

Intitulado “Neotecnicismo na Educação: origem e concepção”, o primeiro capítulo desse livro tem o objetivo de discutir os principais aspectos da educação tecnicista; assim, sobre esse tema, serão apresentados: origem, concepção, método e finalidade. Na sequência, o capítulo “Ensinar a esperança... Algumas reflexões sobre Paulo Freire” abordará importantes questões sobre esse importante educador, reconhecido como o patrono da educação brasileira, estudo em diversos países do mundo.

O próximo capítulo irá tratar da “Criatividade no cotidiano escolar: uma reflexão necessária para formação humana.” O quarto capítulo intitulado: “Dialogando com a animação Guida no contexto da pedagogia da comunicação dentro da sala de aula” irá mostrar como é possível inovar na sala de aula, buscando o desenvolvimento e a aprendizagem integral dos alunos.

O quinto capítulo “Um estudo sobre a pedagogia da comunicação na animação show da Luna na sala de aula” mostrará também que, principalmente com as crianças pequenas, é possível inovar em sala de aula e fazer com que os alunos aprendam de forma lúdica.

Em “Psicomotricidade e movimento: reflexos no Ensino Fundamental”, como os próprios autores esclarecem, há o objetivo principal de mostrar a importância da Psicomotricidade para o processo de ensino e aprendizagem na escola.

Por fim, o sétimo capítulo dessa obra é intitulado “Gênero e inserção profissional: egressas e egressos da Universidade Federal do Paraná - setor litoral”; nesse texto, é possível observar uma realidade que, infelizmente, ainda existe no Brasil: as desigualdades de gênero no acesso aos direitos, em especial, o acesso ao trabalho.

Lucas Rodrigues Oliveira


Sumário

Apresentação	4
Capítulo I	6
Neotecnicismo na Educação: origem e concepção	6
Capítulo II	23
Ensinar a esperança... algumas reflexões sobre Paulo Freire	23
Capítulo III	35
Criatividade no cotidiano escolar: uma reflexão necessária para formação humana	35
Capítulo IV	48
Dialogando com a animação Guida no contexto da pedagogia da comunicação dentro da sala de aula	48
Capítulo V	55
Um estudo sobre a pedagogia da comunicação na animação show da Luna na sala de aula	55
Capítulo VI	64
Psicomotricidade e movimento: reflexos no Ensino Fundamental	64
Capítulo VII	72
Gênero e inserção profissional: egressas e egressos da UFPR setor litoral	72
Índice Remissivo	85
Sobre o organizador	86

Ensinar a esperança... algumas reflexões sobre Paulo Freire

Recebido em: 04/01/2022

Aceito em: 17/01/2022

 10.46420/9786581460266cap2

Robson Alves dos Santos¹ 

Luís Fernando Ferreira de Araújo^{2*} 

PRIMEIRAS REFLEXÕES

A esperança faz parte da natureza humana.

Paulo Freire

Ensinar demanda que nunca se pare de aprender, nunca se pare de buscar novos saberes oriundos de um mundo em constante mutação. Aprender para ensinar e ensinar aprendendo com aqueles a quem ensinamos é o movimento dialético que conduz (ou deveria conduzir) aqueles que abraçam o ofício de ensinar.

Não é possível ser professor, ser educador, sem ser educando, aprendiz e leitor do mundo em que se encontra inserido como artífice de futuros e sonhos possíveis, carregados da esperança do novo, da mudança, da libertação daqueles que, desesperançados pela desvalorização de seus saberes precisam ter reacesas as chamadas de suas sabenças e buscas constantes de sua esperança de intervir e transformar o mundo ao seu redor.

Ser professor implica ter a esperança de transformar as relações dialéticas da sala de aula, dos campos, dos pátios ou de outros tantos espaços que, convertidos em espaços dialéticos possam traduzir saberes e histórias em constante movimento de vir a ser para que, nestes movimentos, possam constantemente construir, desconstruir e reconstruir com esperança o mundo que se tem no mundo que se quer.

É por isso que não é possível ensinar sem esperança, a vontade, o desejo que move o ser para verter-se em seu mundo, nascer-se em sua vida de mudanças e transformações que o conduzam a novos germinares para seu mundo e sua vida, tornando-se, ele, o autor, o artífice e o protagonista de novas esperanças para a jornada calcada no barro, na terra ou no asfalto, por seus passos firmes e seguros de

¹ Centro Universitário Senac – SENAC.

² Centro Universitário Senac – SENAC.

* Autor correspondente: lusfernandoaraujo40@gmail.com

que, sua voz, suas ideias, têm valor e com elas fará aquilo que deseja para si e para os outros que com ele convivem e coabitam um mundo de paz e esperanças que se renovam.

Ensinar a esperança é trazer para a vida, os anseios, os sonhos e o desejo de aprender a ler o mundo com outros olhares, a saboreá-lo com outros paladares e viver com a renovação da esperança da alma que, por serem oprimidos, viram aninhar-se no fundo da caverna interior com medo de gritar sua verdade esperançosa para que os opressores ouvissem e se assustassem com a vida que ali estava.

Não é possível ser professor, educador no maior sentido da palavra, sem permitir que a esperança dos educandos se faça presente nos diálogos, nas salas de aula e nas oportunidades de construir o mundo que se deseja.

A ESPERANÇA: REFLEXÕES SOBRE PALAVRAS E SENTIDOS

Não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo existencial e histórico.

Paulo Freire

Para refletirmos sobre a palavra e o sentido de esperança, escolhemos a poesia de Mário Quintana como mote para este encontro de saberes e sabores.

ESPERANÇA

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
Atira-se
E
— ó delicioso voo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

Veja que, partindo da poesia de Quintana, esperança implica em dizer-se várias vezes para que os seres humanos possam entendê-la, não na simples repetição da palavra, mas no sentimento de quem a encontra ou reencontra.

A palavra esperança tem sua origem no latim *spes* que significa confiança em algo positivo. Da mesma palavra latina originou-se o verbo *sperare* que deu origem ao nosso “esperar” que, em latim, significava “ter esperança”.

Esperança é uma crença emocional que se manifesta nas maneiras de ser, estar e agir no mundo, podendo-se traduzir nos nossos modos de agir e viver.

Quando falamos em viver, devemos lembrar que viver também aponta para um esperar, mas um esperar que nos dê disposição e sentido para a vida, para a busca da concretização daquilo que se quer e espera. Este esperar nos apoqueta, nos dá uma paciência irrequieta, “mexedeira”, um silêncio que nos faz ouvir, um pensamento que se faz no desejo de ver acontecer e por isso nos conduz a uma ação consciente de nossos papéis no mundo e na espera com esperança, devolvendo-nos a humanidade que constrói seus passos nos saberes que aprende e ensina uma vez que “mais do que um ser no mundo, o ser humano tornou-se uma Presença no Mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 1996, p.18), é este ser que precisa ter alimentada a sua esperança no ato de educar-se.

É de esperança que chegamos a esperançar pois, nas palavras de Paulo Freire (1992) precisamos ter esperança, não aquela que espera, mas a esperança do verbo esperançar e, sendo verbo, ação, há que se mexer para que se alcance a esperança.

Ainda para Freire, esperança implica em se levantar, ir atrás do que se deseja, construir os hojes para que se cheguem aos amanhã desejados, esperançar não aceita desistências de sonhos e desejos, da esperança que mobiliza, nos tira da imobilização por razões de opressão, que nos faz ser e sendo, agir para que nada possa nos tirar daquilo que buscamos, aliando-nos a outros que como nós, cansados da desesperança da mesmice, nos encorajamos, ombro a ombro, em prol do fazer de modo a nos inserir como atores e protagonistas de nossas vidas.

ENSINAR A ESPERANÇA

Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar.

Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero.

Paulo Freire

Como ensinar algo que não se sabe ou que se perdeu?

Começamos esta reflexão com a provocação para que pensemos, conjuntamente com os educadores que ainda têm a capacidade de sonhar para que possamos recontagiar aqueles que a perderam.

Não se pode ensinar o que não se sabe, aquilo que não se tem ou conhece. Ensinar demanda aprender sempre, fazer uso de seus saberes de vida e não apenas dos acadêmicos para que, no encontro com aqueles a quem se quer ensinar, possam ter diálogos abertos e francos, respeitosos às diferenças ali presentes, no entendimento de que, por serem diferentes, não são nem mais e nem menos, apenas, e aqui não no sentido de finalização, são por existirem e por seguirem com suas ideias e culturas em um mundo de conflitos e luta de poderes.

Quando nos referimos a ensinar a esperança, o fazemos no sentido de mostrar àqueles que nos ouvem em salas de aula, espaços comunitários, igrejas ou quaisquer espaços de troca de saberes, que a esperança só se mantém viva no sentido de esperar, de agir para que não morram sonhos e ideais, ainda que tenham que enfrentar o poder que oprime por medo da liberdade de se pensar, de ser.

Se tampouco podemos ensinar o que não sabemos, tampouco podemos deixar de aprender a esperança para ensiná-la no sentido de libertar mentes doutrinadas por sistemas de poder. Nas palavras de Paulo Freire (1992, p. 18):

Ninguém ensina o que não sabe. Mas também ninguém, numa perspectiva democrática, deveria ensinar o que sabe sem, de um lado, saber o que já sabem e em que nível sabem aqueles e aquelas a quem vai ensinar o que sabe. De outro, sem respeitar esse saber, parte do qual se acha implícito na leitura do mundo dos que vão aprender o que quem vai ensinar sabe.

Ora, se é desejo do educador transformar os saberes existentes nos educandos, lembrando que ser educador também implica em se educar com os saberes presentes, não se pode deixar de lado que a esperança ou a ausência dela está presente neste ou naquele grupo que o escuta.

Ensinar a esperança implica em que o educador, primeiro a reconheça em si, a retome, se reesperance em sua plenitude para poder reesperançar a plenitude de seus educandos. A desesperança ou o desespero, como ausência da esperança, implica em vencer as amarras e obstáculos que a impedem de ser sentida e vivida para depois, e somente depois, poder conduzir uma educação para a esperança.

O que queremos chamar a atenção é de que vemos, em virtude da realidade vivida em nosso país, um corpo de educadores desesperançados em sua profissão, deixando morrer seus ideais e com isso, fazendo o jogo das classes dominantes que preferem desestimular a educação que faz pensar, que faz reagir, que faz voltar a esperança de que somente por ela pode-se mudar uma realidade, destituindo o poder dos opressores, uma vez que os oprimidos podem refletir sobre sua situação e aprender a superá-la.

Esse olhar desesperançado que muitas vezes envolve educadores precisa ser enfrentado com a consciência de que a maior revolução que podemos fazer em sala de aula é ensinar a esperança e por isso, enquanto educadores, nos cabe retomar a nossa esperança, os ideais que um dia nos motivaram a escolher nossa profissão e com isso, contagiando e fazendo ressurgir a esperança ensinarmos a liberdade, a verdade que move cada ser rumo a seus ideais, ao seu esperar.

Ensinar a esperança é respeitar os saberes de cada um, envolver-se com eles de forma a aprender o outro, ainda que não concordemos ou vivamos o outro, mas no sentido de que não há mais ou menos saberes, mais ou menos seres, maiores ou menores sonhos e ideais.

Ensinar a esperança é agir revolucionariamente em sala de aula, planejando aulas que permitam a dialogicidade da prática libertadora, da conscientização do valor e do poder de cada ser humano e seu papel na transformação de uma sociedade, da forma que melhor atenda ao bem comum e não ao de uma minoria que usa o poder que intitula democrático, para a manutenção de seu poder em detrimento daqueles que desempodera.

Ensinar a esperança é provocar o esperançar, a coragem de falar por saber-se o que se fala, de denunciar e anunciar o porvir de saberes que possam mudar aquilo que não se concorda.

É importante que ao ensinar a esperança o façamos no sentido de mudar aquilo que não nos agrada, levando em conta o verdadeiro bem comum e, ao fazermos isso com verdade, provoquemos a revolução que pode transformar o mundo pelo poder e força de uma verdadeira educação.

Daí a necessidade de nós, educadores, retomarmos nossas lutas e esperanças para poder não apenas criticar, questionar ou apontar problemas pois

Quando apenas apontamos o problema, quando expressamos nossa queixa sem foco construtivo na resolução, afastamos a esperança. Dessa maneira, a crítica pode se tornar só uma expressão de profundo cinismo, que acaba servindo de apoio para a cultura dominante (Hooks, 2021, p. 27).

A provocação que segue leva em conta que, ao nos desesperançarmos, estamos fazendo o jogo do poder, do opressor que, ao nos fazer e ver desanimar, atinge seus objetivos de uma educação pífia, fraca e sem poder transformador. Ainda que desanimemos por questões de valorização, uma luta há muito travada com os órgãos de poder, precisamos retomar o nosso papel revolucionário para construir, com nossos poucos recursos, uma educação forte, coerente com práticas democráticas que permitam aos nossos educandos o desenvolvimento de suas capacidades para atuarem na transformação de seus mundos, suas comunidades, de suas gentes por se fazerem atores protagonistas de seus enredos de vida.

Ensinar a esperança não é uma luta fácil, são muitos os obstáculos, sem esquecer que muitas vezes são os nossos, os maiores a serem vencidos. A perda da nossa esperança, do nosso agir esperançado implica em seguir fazendo por fazer, sem provocar o diálogo e os saberes dos educandos, que nos desafiarão a cada vez mais, aprendermos e, democraticamente, assumirmos os nossos não saberes daqueles que estão à nossa frente, prontos, no encontro, a nos ensinarem.

Ensinar a esperança exige coerência entre o que se fala e o que se faz pois, sem coerência não é esperança que ensinamos, mas sim um arremedo de algo que nos fizeram acreditar e engolir e, ao transmiti-lo sem coerência e criticidade queremos que os educandos engulam também, provem seu sabor travoso e amargo que lhe minará a esperança de novo porvir.

Segundo Paulo Freire (1995), é a busca que nos faz esperançosos, é o mover-se, o esperar-se que nos tira da inanição para seguir construindo um caminho verdadeiramente democrático e pleno da esperança de ser, conjuntamente com outros que assim desejam e querem fazer pois “não é possível buscar sem esperança, nem tampouco na solidão” (Freire, 1995).

Então, ainda que surjam dificuldades (e surgirão),

É imperioso mantermos a esperança mesmo quando a dureza ou aspereza da realidade sugeriram o contrário. A este nível, a luta pela esperança significa a denúncia franca, sem meias palavras, dos desmandos, das falcatruas, das omissões. Denunciando-os, despertamos nos outros e em nós a necessidade, mas o gosto também, da esperança (Freire, 1995, p. 87).

Ensinar a esperança implica em sonhar o sonho de uma educação melhor, que transforme e não apenas forme na reproduzibilidade de uma sociedade desigual que insiste na discriminação de classes sociais, gêneros, raças, religião ou outros tantos que insistem em criar como elementos de distanciamento e desumanização social.

Se educadores que somos reavivarmos a chama da esperança que nos move em nossas salas de aula, espaços de aprendizagens, poderemos fazer cair o descaso com a educação uma vez que, em nossas aulas, rigorosamente planejadas, permitiremos que as vozes, que por muito tempo foram caladas pelo autoritarismo pedagógico, provoquem reflexões para que os saberes se tornem vivos e, por estarem vivos, provoquem encontros, desencontros, discussões e a construção de novos saberes lotados de esperança, de valorização dos seres humanos que ali, numa pedagogia de encontros possa ser cada vez mais, espaço de comunhão de vidas e sabenças.

Alguns podem dizer que nossas palavras são utópicas, carregadas de sonhos, mas, inspirados por Paulo Freire, que também recebeu críticas quanto a sonhos e utopias, não podemos deixar de sonhar e de rever nossa prática pedagógica para mantermos o sonho e a esperança de sermos, a cada dia, melhores educadores do que ontem fomos.

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos (Freire, 1984, p. 100).

Alertados pelas palavras de Paulo Freire urge retomarmos a esperança de nossos sonhos de educadores para podermos, assim, transformar nossas práticas e saberes, comungando da leitura de mundo onde estivermos inseridos, aprendendo e ensinando, dialeticamente para que a esperança não desanime, não feneça.

Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina (Freire, 1984, p. 101).

Se difícil parece sonhar, mais difícil é desesperançar e muitos já o fizemos. É hora de retomar o sonho da esperança que nos moveu e que nos move pois, mesmo com dificuldades e desvalorizações, nós educadores continuamos à frente de nossas salas de aula, de nossos estudos, de nossas buscas. Isso mostra que o fogo ainda está presente em nossas vidas, em brasas que precisam ser assopradas para voltarem ao fogo que ilumina e aquece o coração da nossa esperança.

ENSINAR A ESPERANÇA: O PAPEL DO PROFESSOR

A desesperança nos imobiliza.

Paulo Freire

O século XXI exige que a escola tenha comprometimento com sua missão profética do devir, do esperar que coaduna com seu processo de transformação frente à sociedade do conhecimento, e não só em relação às expectativas econômicas e sociais da ótica neoliberal.

Há que se pensar na escola que, preocupada com a realidade concreta, quebra paradigmas rançosos e se abre para visões interdisciplinares, unindo ensino, pesquisa, em um novo contexto de ser escola. A produção e divulgação do conhecimento geraram a necessidade de uma metodologia que priorize o diálogo entre professor e sociedade, e o papel do professor é o de orientador das atividades que permitirão ao aluno aprender e o será de motivador e incentivador do desenvolvimento de seus alunos perante o corpo social na sociedade, promovendo a esperança do ser, do constituir-se ser crítico, leitor de mundo e transformador de sua realidade.

A escola é o campo de pesquisa para experiências democrática e pluralista na sociedade em que atua, transformando-se os objetivos e as metas em ações mais apropriadas para a aprendizagem. Portanto, a escola tem que consolidar o projeto pedagógico e ao mesmo tempo interagir na autonomia dentro do processo de socialização com satisfação; com isso, a autonomia torna-se um vínculo para estimular todo o indivíduo na sociedade com novas parcerias, com a família e com os meios de comunicação. A pedagogia que emerge da consciência de que a escola é concebida como uma forma de política cultural, de uma concepção crítica, fundada na convicção de que, para a escola, é uma prioridade ética o dar poder ao sujeito social, facilitando-lhe a atribuição de sentido crítico ao domínio do conhecimento.

A poética da palavra que se faz dialógica, presente na relação professores e alunos – sujeitos comunicantes – interage mediante estratégias e instrumentos que possibilitam compreender o mundo e expressá-lo para viver melhor, entendendo a atividade didática como ato comunicativo e integrativo, como liberdade de se expressar e com isso, rever conceitos a partir da leitura e da releitura do mundo ora habitado.

Uma escola que permite o ensino da esperança é aquela onde conhecimentos e metodologias surgem a partir do dialogismo entre professores e alunos, como protagonistas de sua palavra, de sua leitura e releitura de mundo, do esperar que os move ao olhar crítico e fecundo na semeadura da criticidade que move os seres humanos. Os professores envolvem os alunos nas discussões de ideias, desafios, julgamentos e críticas. Com isso, o professor que quer ser o arauto do esperar em sua sala de aula, tem a função de manter um diálogo com base no conhecimento empírico da prática de ensino.

O papel do educador não é o de encher o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos (Freire, 2011, p. 68).

É importante apontarmos que a estrutura organizacional do ensino no Brasil sempre privilegiou o domínio de conhecimento e experiências profissionais como únicos requisitos para a docência, deixando de lado os seres inseridos neste processo, seres estes que, com sonhos e esperanças, veem na educação a forma de ascensão social; seres que acendendo socialmente precisam fazê-lo com o olhar crítico para uma realidade que os oprime de forma a libertarem-se em prol de sua autonomia.

A escola que se busca para esperar é aquela que reassume seu papel de libertar oprimidos, deixando de lado sua foice opressora que se vale de notas e menções, objetos de poder para fazer calar a voz e a esperança de seus educandos.

Além de espaço para a palavra, para o diálogo, a escola necessita ter ou assumir a consciência do impacto da nova revolução tecnológica sobre a produção e socialização do conhecimento e formação de profissionais pois, com esse impacto, a produção e divulgação do conhecimento gerou a necessidade de uma metodologia que priorize o diálogo entre educador e sociedade, sendo o educador, o orientador das atividades que permitam ao aluno aprender, bem como ser o incentivador do desenvolvimento de seus alunos perante o seu corpo social na sociedade.

Para isso é importante que o professor tenha consciência do seu papel e da sua importância. O professor é também um cidadão inserido em seu meio social com ideias e conhecimentos já estruturados. Esses conhecimentos e experiências prévias podem e devem ser utilizados para criar situações interessantes. Tanto o professor quanto o aluno apresentam experiências de vida, conhecimentos anteriores e sentimentos.

De acordo com a BNCC, é papel da escola e do professor o investimento em aulas que permitam o desenvolvimento socioemocional dos alunos. Esse contato possibilita a socialização e o desenvolvimento das emoções nas relações sociais do professor com os alunos. Com isso, o professor vai se envolvendo com o aluno, passando-lhe confiança, renovando a sua esperança e ajudando-o não apenas com os conteúdos, mas também emocionalmente. É essa relação humana, que possibilitará ao aluno uma autonomia que o ajudará para o resto de sua vida, não só pessoal, acadêmica, profissionalmente, mas, principalmente, no seu desenvolvimento ontológico, no esperar e viver de suas emoções e sonhos.

O verdadeiro e bom professor, agora permite que o aluno pense de forma crítica e empreendedora ao mesmo tempo, a aprendizagem está centrada no aluno e suas diversidades, a motivação e instigação são importantes e necessárias para adquirir ou despertar habilidades (Darolt, 2020, p. 67).

Um professor que ensina a esperança reconhece que só vê seu trabalho ter sentido conjuntamente com o aluno pois ambos são fatores primordiais para que o desenvolvimento socioemocional, por meio desse relacionamento, traga melhoras no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, promovendo uma significativa melhora para seu crescimento tanto no social como no cognitivo.

A relação entre professor e o aluno dentro do contexto das habilidades socioemocionais se dá por meio das contribuições em que o professor assume seu papel de mediador do aprendizado em sala de aula e possibilita ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades socioemocionais por meio da disseminação do conhecimento, ampliando seu senso-crítico para a sua evolução como cidadão que verdadeiramente atua na sociedade. Trata-se de uma pedagogia afetiva, ou seja, o cognitivo do aluno se desenvolverá por meio das interações afetivas na sala de aula e a aprendizagem se tornará mais interessante e produtiva.

Estamos presenciando transformações profundas e extremamente velozes no momento presente. A tecnologia, as formas de ajustes nos modelos familiares, conflitos políticos, violência, xenofobias, problemas ambientais, culturais, pandemia, somam a pressão a que os jovens estão submetidos, independentemente da nossa vontade. E neste contexto, a escola da esperança precisa dar suporte para que os alunos possam desenvolver suas leituras de mundo a fim de entenderem seu contexto e atuarem para sua melhoria. Então, nesta escola “o professor é o amigo a quem se pode recorrer sem receio, quando se tem uma dúvida, quando se quer desabafar, ou contar um segredo” (Alves, 2001, p. 75).

Diante disso, como o professor pode ser um facilitador ou aquele que revele soluções para auxiliar e esperar esses jovens em período de grande estresse? O respeito e a autonomia são parte desta resposta no que tange a educação e a vida. Ignorar o que acontece na vida dos alunos no processo educacional não contribui em nada para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais ou de vida. Como bem disse Paulo Freire “saber que devo respeito a autonomia e a identidade do aluno exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (Freire, 2010, p. 61).

Considerando esse cenário, o fato de que a pressão é intensa e que a capacidade humana biológica é a mesma desde sempre, o que fica é o desafio de como cada professor irá colocar isso em prática, tornar essas reflexões realizáveis. A atualização pessoal e profissional é o mais recomendado, ou seja, buscar ferramentas que o ajude a se preparar melhor para ter uma experiência educacional e pessoal agradáveis e construtivas para todos.

Para Freire (2004, p. 54) em seus estudos propõe um método pelo qual a palavra ajude o homem a tornar-se homem, onde “não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade”.

Partindo desta perspectiva, Freire coloca-nos a questão da relação homem-mundo, dentro de uma sociedade integradora; mas antes temos de entender quando se fala de “extensão educativa”, contrário à educação libertadora. A extensão educativa parte do pressuposto de uma educação mecanicista, como afirma o próprio Freire (2011, p. 26), em seu livro *Extensão ou Comunicação*. Ela se dá “na medida em que, no termo ‘extensão’, está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém, ressalta, nele, uma conotação indiscutivelmente mecanicista”. O conceito homem-mundo não deixa de passar por este questionamento. Porque estamos nos referindo ao homem-mundo que é homem-educador que interage com outros mundos, o de seus alunos.

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe, que não luta para que a disciplina de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíba de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois, como professor (Freire, 2011, p. 83).

Neste artigo, Paulo Freire nos dá ferramentas para compreender como funciona o mecanismo desta dialética: aluno-professor, professor-aluno. Ele nos mostra que não podemos ser apenas extensionistas do saber, do conhecimento, ou seja, transferidores de algo que, também, muitas vezes, fomos inculcado nos bancos escolares. É esta extensão que devemos evitar, pois, segundo Freire, é um “equivoco” querer estender algo a alguém, sendo que este alguém não é um mero espectador da ação do outro que almeja colocar, depositar um conhecimento sem levar em conta o saber daquele outro.

Em muitos casos o aluno ouve e vive diariamente dentro de uma realidade dinâmica e repleta de magia e crença. E, não se deve desconsiderar que, no processo de aprendizado há uma transformação, fazendo-se necessária um tempo de passagem, de reformulação do pensar. Isto se constrói aos poucos, passando pelo entendimento de quem educa que precisa fazer com que o aluno, por si mesmo, consiga entender que os fenômenos mágicos e de crenças fazem parte de uma estrutura a priori cognitiva da própria razão. Conforme ele vai percebendo e entendendo o processo natural das transformações por meio de experiências e dados, dos quais ele participa e está envolvido, vai se construindo a relação professor e aluno, pois ambos estão no processo de aprendizagem.

Não podemos ser míopes para o fato de que a democratização da escola aproxima o sentido de educação como chave da reprodução desta sociedade de classes, mantendo-a de acordo com o poder que domina, escraviza e impede de pensar, refletida neste sistema de ensino. A sociedade está composta por todos os seus elementos; o que importa é integrar em sua estrutura os novos elementos, ou seja, novas gerações que se encontram à sua margem para manter e conservar a sociedade, integrando os indivíduos no social.

É por isso, que ensinar a esperança implica no diálogo franco e verdadeiro entre professores e alunos pois, o diálogo é fundamental para a verdadeira educação e somente assim pode-se ensinar a

esperança, retomar o esperar que a escola reprodutora faz morrer ou esconder para que a autonomia verdadeira não seja alcançada.

ESPERANÇA QUE SE RENOVA: ÚLTIMAS PROVOCAÇÕES

A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.

Paulo Freire

Quando pensamos em provocar reflexões sobre a esperança e seu papel na educação, partindo de leituras e reflexões da obra de Paulo Freire, sabíamos do desafio de não nos perdermos na sedução que o termo pode nos trazer. Falar de esperança em tempos tão difíceis para nosso país e, conseqüentemente, para nossa educação, implica em retomar, no diálogo freireano, a necessidade da luta, da leitura de mundo para que, ao ler um mundo que nos está em desacordo, possamos nos reesperançar para poder mudar o *status quo* que não nos agrada.

Não é na simplicidade que se coloca na palavra esperança, poeticamente falando, que será possível ensinar a esperança, o valor ontológico do ser, dos alunos para que, provocados em sua esperança morna, fruto das injustiças e do peso de uma sociedade que insiste em oprimir, possam soprar a brasa para que o fogo da alma que acredita possa ressurgir, forte, pleno, esperançado para a luta que pode derrubar opressores, libertando oprimidos para a construção de uma sociedade justa.

Nosso maior ato de rebeldia, enquanto professores que somos, está em provocar a mudança, em, ainda que em condições precárias, fazer com que nossas aulas sejam espaços de vida e discussão, onde o diálogo franco e aberto possa fazer refletir e ressoar a esperança de que, somente pelo conhecimento de mundo, poderemos mudá-lo.

Como professores, precisamos retomar a chama da esperança, do sonho que um dia nos levou a escolha de nossa profissão, escolha essa que nunca escondeu as dificuldades que enfrentaríamos em nossa jornada docente.

Esperançar, o verbo proposto por Paulo Freire nos chama a luta, a luta de cada vez mais, em nossas aulas, preparadas com o rigor que nos compete, transformarmos as vidas de nossos alunos, daqueles que nos chegam e se, muitas vezes, sem a sede de aprender, podem ser convidados a beber o néctar dos saberes, os sabores que os fará cidadãos do mundo, em sua plenitude de seres em constante transformação, nunca prontos, assim como nós, mas sempre em busca, esperançando e vindo a ser.

E se às vezes caímos, despencamos de nossa esperança e desejo de mudança, se o medo do incerto nos assusta, nos desanima, retomemos em nosso ser o desejo de, por sermos professores, podermos transformar o mundo, fazer a verdadeira revolução que se dará por nossos braços, pela nossa força de

educar. A mudança assusta, mas se faz necessária e as palavras da poetisa Elaine Dias², nos convida a repensar, na leveza dos versos, a verdade que nos renova.

A mudança renova a esperança,
Aflora a lembrança do passado e a fantasia do futuro
Que pode ser incerto e inseguro.
Mas ainda assim é interessante
pensar no tempo que há por vir.
O fio da esperança renova
A coreografia da dança da vida.

E ainda que a luta possa nos cansar, nunca percamos a esperança de sonhar sonhos possíveis por uma educação melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves R (2001). A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 3. ed. Campinas-SP.
- Freire P (1984). Educação: o sonho possível. In: Brandão CR (Org.). O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal.
- Freire P (1992). Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire P (2004). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire P (2010). Pedagogia da autonomia. 42.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire P (2011). Extensão ou comunicação? 15. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Darolt V (2020). Ensino híbrido: metodologias e personalização. Curitiba-PR: CRV.
- Freire P (1995). À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'Água.
- Hooks B (2021). Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante.
- Quintana M (1998). Nova Antologia Poética. São Paulo: Editora Globo.
- Streck DRRE, Zitikoski JJ (2010). Dicionário Paulo Freire. 2.ed. São Paulo: Autêntica.

² Poesia de Elaine Dias publicada em Jornal Oficina de Poemas, dezembro de 2021, Ano XI, nº 104 – Limeira - SP

Índice Remissivo

A

aprendizagem, 60, 63, 64, 65, 66

C

comunicação, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 54, 55,
56, 58, 59

criatividade, 31

D

desenvolvimento, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

E

ecoformação, 36

educação, 60, 61, 63, 64, 65, 66

ensinar, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25

escola, 44, 45, 46, 49, 51, 52, 54, 58, 59, 80

G

gênero, 68

M

movimento, 60, 61, 62, 63, 64

P

pedagogia, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 58, 59

psicomotricidade, 60, 62, 63, 64, 66

S

sala de aula, 45, 46, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

T

transdisciplinaridade, 35, 36

Sobre o organizador

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



9 786581 460266



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br